

Dança  
Sex 3, Sáb 4 Abril '09

# Gustavia

De e com Mathilde Monnier  
& La Ribot

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



Luz Eric Wurtz **Realização sonora** Olivier Renouf **Colaboração cenográfica** Annie Tolleter  
**Figurinos** Dominique Fabrège **com assistência de** Laurence Alquier **Direção de cena** Audrey Carrot  
**Som** Antonin Clair **Produção** Jean-Marc Urrea, Michel Chialvo, Anne Fontanesi  
**Co-produção** Festival Montpellier Danse 2008; Centre Pompidou – les Spectacles Vivants / Festival d'Automne / Théâtre de la Ville (Paris); Centre de Développement Chorégraphique – Toulouse / Midi-Pyrénées; Culturgest, Lisboa; La Comédie de Genève; Mercat de Les Flors, Barcelona; La Ribot – Genève; Centre Chorégraphique National de Montpellier Languedoc-Roussillon

O Centre Chorégraphique National de Montpellier Languedoc-Roussillon, dirigido por Mathilde Monnier, é um lugar de pesquisa, de criação e de formação em dança contemporânea e é subsidiado por: Ministère de la Culture et de la Communication – Direction Régionale des Affaires Culturelles de Languedoc-Roussillon; Conseil Régional Languedoc Rousson; Montpellier Agglomération; Conseil Général de l'Hérault

Neste espectáculo, La Ribot é apoiada por Pro Helvetia, Swiss Arts Council e la Ville de Genève – Département de la culture.

**Sex 3 e Sáb 4 de Abril**

**Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h00 · M12 · Espectáculo falado em francês**

*Gustavia* reúne duas coreógrafas com percursos muito diferentes mas animada por uma comum reflexão sobre as questões do futuro da arte e da representação.

Este espectáculo apoia-se no universo do burlesco clássico, que possui códigos e técnicas próprios que atravessam não só o cinema (Peter Sellers, Tati, Marx Brothers, Keaton, Chaplin, Nanni Moretti...), mas também o palco e a *performance* (Leo Bassi, Anna e Bernard Blume...) e as artes plásticas (Bruce Nauman...).

O burlesco usa técnicas de troca de papéis e de “toca e foge”; é a arte de transformar a incompetência em competência. Permite distinguir os heróis burlescos dos heróis contestatários. Surge tanto do excesso de palavras como da sua ausência. O burlesco do

corpo apoia-se no esforço gratuito, na repetição e no acidente. O que é legível no burlesco está oculto na dança, uma vez que esta, na sua essência, não tem nada, ou quase nada, de cómico.

*Gustavia* é um nome de mulher, mas, sobretudo, um nome artístico fictício. *Gustavia* tenta falar de grandes temas que a ultrapassam, temas clássicos intemporais: a mulher, a morte, o teatro, a representação, a representação de si, o artista. O burlesco, não sendo um género, proporciona o enquadramento de práticas e de maneiras de pensar e de fazer. Através de uma utilização indirecta dos instrumentos do burlesco, *Gustavia* procura falar livremente do seu *métier*: desvios, inquietações, catástrofes e alegrias da relação entre a arte contemporânea e a vida.

## As onomatopéias de Maria e Mathilde

Maíra Spanghero

in [www.idanca.net](http://www.idanca.net)

Os filmes do cinema mudo foram as primeiras imagens que me vieram à cabeça durante a estréia de *Gustavia*, no pomposo Théâtre de Grammont, que o Festival de Dança de Montpellier apresentou em sua última edição, em Julho de 2008. Não foi à toa. Para a criação conjunta, as consagradas artistas Mathilde Monnier e Maria La Ribot utilizaram recursos cômicos que provocaram riso e estados de humor na platéia como aqueles empregados em películas de Charles Chaplin, Buster Keaton, Oscarito, Peter Sellers, Tati, entre tantos outros. Cena após cena na caixa preta, que tanto remete ao teatro quanto ao cinema, *Gustavia* é a arte de transformar incompetência em competência, à maneira das *gags* e da farsa.

Movidas pelo interesse no burlesco, na mulher, na idade em que se encontram, na curiosidade de conhecer, na história, no teatro e na dança, as criadoras levaram doze semanas para pesquisar (e inventar!) um corpo arraigado no exagero, na repetição e no acidente. Engajada no registro em vídeo do processo criativo, La Ribot conta: “Desde o primeiro encontro não sabíamos muito bem o que queríamos ou quais poderiam ser nossos interesses em comum além do óbvio, e sem quase nenhuma preparação até à estréia. Tivemos que encontrar, também, um sistema de trabalho”.

Foram diversas etapas até *Gustavia* tomar forma: “No começo, a base era

uma idéia de improvisarmos na hora, e trabalhávamos em dueto. Depois passamos a uma outra fórmula, mais divertida: primeiro, uma propunha alguma coisa e a outra observava e, depois, a outra continuava a proposta e a primeira é que observava, muitas vezes descompondo, fragmentando, copiando, parodiando, exagerando, contrariando, minimizando cada proposta. Logo esse sistema foi tornando-se complexo. Nos asseguramos de que a base de todo material encontrado era das duas, aplicável a um momento ou a outro, que pertencia a uma ou a outra hierarquia e que, sem dúvida, era suscetível de alterações profissionais, interpretação, troca e questionamentos. Foi uma etapa divertidíssima”, revela a coreógrafa.

A composição do espetáculo era a empreitada seguinte e como todo processo artístico, por mais curto que seja, sofre inúmeras transformações a partir de uma idéia ou imagem inicial, conforme o relato de La Ribot: “Logo começamos a construir com tudo o que tínhamos, vieram materiais de uma ou da outra, e já com um pouco mais de reflexão, ainda que sempre sob um ritmo frenético, rápido e dinâmico. No final de Maio quase tudo havia sido reconsiderado. Algumas coisas ficaram iguais a dos primeiros dias, mas, em geral, tudo mudou mil vezes (muito!). Surpreendentemente, a relação entre nós continua igual, cada uma por si só, (porém) pensando na outra”.

### Riquezas são diferenças\*

Embora com trajetórias e contextos artísticos distintos, Maria & Mathilde se conhecem desde 1987 por ocasião de uma apresentação da artista francesa

© Marc Coudrais



em terras madrilenas. Como lembra La Ribot: “Eram os maravilhosos anos 80” e a vida cultural fervilhava com festivais, como o Madrid en Danza. Mas é a partir de 1999 que a relação se estreita e as trocas se tornam mais freqüentes até culminar com a decisão de criar algo que veio a ser *Gustavia*.

“Mathilde e eu nos parecemos em muitas coisas.” Fundamentalmente, as duas se tornaram coreógrafas muito jovens, antes de passar pela experiência de intérprete durante muito tempo. Ambas também têm bom sentido da prática.” Por outro lado, essas similitudes têm um desenvolvimento vital e profissional completamente oposto, que para mim é muito interessante. Mathilde é órfã desde muito jovem, eu tenho pais muito protetores. Mathilde conhece um êxito incrível desde seu primeiro trabalho, é apoiada e tem meios econômicos e profissionais para crescer”, de acordo com Maria, que viveu uma história bem diferente.

Essas diferenças têm a política cultural como um dos seus principais motivos. Enquanto nos anos 80 e 90 o Estado francês investiu consideravelmente no desenvolvimento da dança em seu território ao implantar postos de trabalho, centros de formação e criação, bibliotecas especializadas e festivais; a Espanha mal conhecia a democracia e não havia investimentos regulares e contínuos para formação, investigação e nem para produção. Os projetos não tinham continuidade e dependiam, como ainda hoje, em grande parte dos lugares, da paixão de seus produtores e de parcerias colaborativas. Mathilde e Maria eram jovens e protagonistas de suas situações econômico-sociais.

De lá para cá, além da produção sólida como intérprete e coreógrafa, a bailarina francesa dirige, hoje, entre outras atividades, o programa ex.e.r.ce, uma formação dirigida a profissionais, do Centre Chorégraphique National Montpellier Languedoc-Roussillon. Em 2008, dos nove jovens artistas selecionados entre vários países para estudar no programa, dois são brasileiros e experimentam o currículo experimental, o paranaense Neto Machado e o paulista Thiago Granato. Localizado no ex-convento Saint Gilles, fundado em 1357, mais conhecido hoje como Convento das Ursulines, pois foi a congregação que tomou comando do lugar em 1641, a construção foi restaurada e, agora, com infra-estrutura adequada, sedia o CCNM e o Festival Montpellier Danse, ambos criados pelo célebre bailarino e coreógrafo Dominique Bagouet, falecido em 1992. O local adota um programa de formação mutante, repensado a cada ano, mas com propósitos/princípios bem claros: criar, formar, pesquisar, pensar e fazer dança contemporânea.

Já Maria é madrilena mas vive hoje em Genebra, depois de uma temporada de seis anos em Londres. Sua obra modificou a história da dança ao tratá-la como *live art* e criar peças que se constituem nas fronteiras da dança contemporânea com a *performance*, as artes visuais e o vídeo. Na última década, ela desenvolveu uma série crítica e bem humorada, chamada *Proyecto Distinguido*. Dividido em *13 Piezas Distinguidas* (1993), *Más Distinguidas* (1997) e *Still Distinguished* (2000) são solos curtos com duração entre 30 segundos e 7 minutos, onde a *performer* brinca, ironiza, provoca e, com certeza, (se) diverte com objetos,

músicas, mensagens escritas, e também no silêncio. O corpo é uma folha em branco (por isso a insistência com o nu) e isso é central nas *performances*. As “peças” foram tratadas como obras dentro do mercado das artes e todas foram vendidas a “proprietários distintos”, como *Divana*, da série *Más Distinguidas*, cuja proprietária é Mathilde. Além de terem seus nomes postos ao lado dos títulos, podem assisti-las gratuitamente em qualquer lugar do mundo. No Brasil, ela apresentou *Más Distinguidas*, em São Paulo, no SESC Pompéia, e em Belo Horizonte, durante a programação do então Festival Internacional de Dança, em 2000 e, por fim, *Despliegue*, em 2002, no Itaú Cultural, também em São Paulo.

#### Lado a lado na estrada

Na cena final de *Gustavia*, Mathilde & Maria estão lado a lado, cada uma em cima de banco, digo, pedestal. Num *streaptease* de palavras, falam pelos cotovelos, uma por cima da outra, enquanto fazem gestos para expressar as onomatopéias e outras expressões que utilizam. O conteúdo do blá-blá-blá são elas próprias: as mulheres ou um certo feminino. A platéia se diverte com frases: “era uma mulher tão grande, mas tão grande, que cabia um cavalo dentro dela”, “mulher corta tudo, tira pêlo daqui, depila ali”, “ela tinha tanto leite que podia fazer do peito uma metralhadora, tá tá tá tá tá”, “tinha um quadril enorme do lado direito, tinha um quadril enorme do lado esquerdo e quando ela andava, paf paf paf”. Outras falas referem-se a movimentos feitos em cenas anteriores, como “uma mulher entra, pega o pé e põe na cabeça”. Outra frase

tem uma sonoridade mui peculiar no francês “*femme meure de faim*” (mulher morre de fome).

Depois da estréia no Festival de Dança de Montpellier e da apresentação no Impulstanz, em Viena (de 15 a 18 de Julho), *Gustavia* já é uma estrela com agenda cheia: segue para o Dansens Hus, em Estocolmo (4 e 5 de Outubro); o Centre Pompidou, em Paris (de 15 a 19 e de 22 a 26); o Festival Circular, em Porto (27 de Outubro); o Mercat de les Flors, em Barcelona (de 21 a 23 de Novembro) e para o Teatro Municipal, em Perpignan, na França (25 de Novembro).

Se tudo correr bem, o público brasileiro poderá conferir o espetáculo que está cotado para a programação do ano da França no Brasil, em 2009.

\* expressão retirada da música *Miséria*, da banda Titãs.

Maira Spanghero é doutora em Comunicação e Semiótica, professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e autora do livro *A dança dos encéfalos acesos* (Itaú Cultural, 2003). É também curadora do projecto Roda (SP) e editora convidada da Colecção Húmus.



## Palhaço negro O encontro divertido e sombrio entre Mathilde Monnier e Maria La Ribot

**Fabienne Arvers**  
in *Les Inrockuptibles*

De pé em frente a um microfone, calçadas com botas, em cuecas e camisola pretas, Mathilde Monnier e Maria La Ribot murmuram, olhos e lábios cerrados, um longo queixume que se vai tornando súplica, oração, lamento. Um número em que o grotesco tem a parte de leão, deixando as suas pernas de bailarinas desocupadas, inanimadas. As lágrimas são mimadas com as mãos: a imagem é bela e cheia de sentido;

o grotesco também tem que ver com a subtileza de uma situação que aqui é representada ao mesmo tempo que parodiada. Idênticas, miméticas, sentam-se no braço de uma poltrona, único elemento cenográfico num palco coberto de pesados tecidos negros, onde os pés se afundam e em que os passos tropeçam. Uma faz desequilibrar a outra uma primeira vez, inaugural e cómica, modo de dar início a um jogo infundável entre elas: um equilíbrio no fio da navalha, à beira da queda, da escorregadela, do desaparecimento. O quadro fecha com as palavras de Shakespeare lançadas por Mathilde enquanto cai no chão: “Quando estas lágrimas secarem, morrerá a mulher então em mim”. De gatas no palco, chorando, o corpo sacudido por soluços, percorrem o espaço com a

graciosidade de animais que se espriam, se espiam e se procuram. Os números encadeiam-se, jogando na repetição e na acumulação, no mais puro espírito burlesco, roçando o ilusionismo, como na cena em que Maria transporta uma prancha às costas e roda sobre si própria atingindo Mathilde que cai e se levanta, uma vez, e outra, sucessivamente.

Um dueto concebido como um solo partilhado, em que a mesma figura se refracta e se desdobra: a de *Gustavia*, um bonito nome inspirado n’*Os Palhaços* de Fellini, filme que elas viram muitas vezes, tal como mergulharam nas obras de Bruce Nauman, Cindy Sherman ou Maurizio Cattelan. “O palhaço é uma figura excelente na história da arte”, resume Maria, ao que Mathilde acrescenta “Que é sempre tratada no negativo”.

De facto, se na forma *Gustavia* se pode reivindicar do *vaudeville* e dos números de burlesco, o seu lado *dark*, evocado por Maria, sustenta-se em duas figuras tutelares do teatro, Shakespeare e Kantor, de que elas desfiam os títulos dos espectáculos, deixando aflorar uma outra leitura possível de *Gustavia*: a do esboço de retrato do artista como personagem ridícula que não pára de cair mas recomeça sempre e quer que olhem para ele. Como na paródia de *striptease* em que descobrem e escondem o joelho num gesto mecânico, masturbatório e compulsivo, que poderia funcionar como um espelho... O que olha a ser olhado ou o mirene visto pelo olhar daquilo que vê. (...)

O encontro entre Mathilde Monnier, habituada a colaborar com outros artistas, seja um músico, um filósofo ou um escritor, e Maria La Ribot, coreógrafa

solitária que oscila entre a *performance*, a dança e a instalação, deu-se sob o signo da improvisação. Em cena a improvisação também tem o seu lugar, nomeadamente no final, quando elas se lançam numa acumulação de descrições extravagantes de mulheres, dezenas e dezenas de mulheres que escapam das suas bocas, como outros tantos reflexos defractados de uma visão que se dissolve na espuma dos dias. Arrepiante e divertida.

## Alguns excertos do texto que é dito no espectáculo, e que permitem perceber o conteúdo.

### Primeira parte: Maria e Mathilde

- “Chorai meus irmãos, chorai!”
- “Lágrimas sete vezes salgadas”
- “Morrer, dormir; dormir, nada mais... talvez sonhar”
- “Quando estas lágrimas secarem, morrerá a mulher então em mim”

### Segunda parte: Maria sozinha / digressão a partir destas frases

- Eu nunca regressaria
- Eu regressaria quando ela estivesse morta
- Se ela morresse eu regressaria
- Quero voltar
- Quero que ela morra
- Que ela morra, eu volto
  
- Que ela morrera eu voltara
- Que ela morrida eu volvida
- Que ela fora morrida eu estaria volvida
- Morrendo ela eu voltaria
- Não estivera ela morta eu nunca seria vinda
- Ela tinha sido morta e eu ainda não estava voltada

- Sejemos todos morridos ao voltar, ela morta - classe morta
- Que ela rebente voltando eu
- Rebentendo ela nunca seria eu já voltada
- Morrendo, voltando, regressando, rebentendo, ela morrerá

- Que rebentem os artistas!
- Estando vinda, estando morta, tendo-se

dado, tendo voltado... o meu regresso depender da morte dela.

Hoje é o dia dos meus anos,  
Vou morrer, morrer em palco!

### Terceira cena, no fim:

#### Maria e Mathilde (excertos)

- Uma mulher encolhe os ombros
- Uma mulher abre a boca
- Uma mulher passa a mão direita por baixo da omoplata, faz deslizar um dedo ao longo da coluna vertebral e inclina-se para a frente
- Uma mulher olha para as axilas que incham
- Uma mulher tenta esconder os olhos com as pestanas
- Uma mulher sonha... que é uma mulher, uma mulher não sonha... nunca!
- Uma mulher imagina
- Uma mulher, imagina uma mulher!
- Uma mulher ganha
- Uma mulher queimada
- Uma mulher tem um sapo na boca
- Uma mulher pensa
- Uma mulher é morta pelo noivo
- Uma mulher em casa. Quem é a mulher em casa?
- Uma mulher limpa o chão
- Uma mulher tem um cavalo no ventre
- Uma mulher dá um peido

- Uma mulher é violada pelo pai na cave
- Uma mulher acha-se tão bonita que não precisa de cirurgia estética
- Uma mulher Royale perde as eleições
- Uma mulher é casada à força com um velho

- Uma mulher entra num restaurante e toda a gente cai para o lado
- Uma mulher feminista

- Uma mulher vê o mundo na televisão
- Uma mulher guarda o coração numa gaveta
- Uma mulher pega no carro, ah! Não há gasolina!
- Uma mulher em crise

- Uma mulher tem pestanas tão compridas que varre o chão está completamente obcecada com a limpeza da casa
- Uma mulher cheira mal
- Uma mulher nojenta
- Uma mulher ideal
- Uma mulher pendura-se no tecto
- Uma mulher em casa que lhe cai em cima da cabeça. E ela sobrevive, toda ela... Todos os filhos lhe morreram!
- Uma mulher angustia-se
- Uma mulher abre as nádegas
- Uma mulher apática esquece-se de adorar o marido
- Uma mulher sai pelo algeroz da casa!

- Uma mulher tem os dentes verdes
- Uma mulher fez uma operação aos lábios

- Uma mulher que ri demais, pensam que ela é masculina
- Uma mulher diz: sou um palhaço sexual

- Uma mulher no circo
- Uma mulher canta
- Uma mulher lírica
- Uma mulher tarada sexual

- Uma mulher descobre que o marido está em Guantánamo
- Ahahahahaha! Que engraçado, diz outra mulher
- Nunca mais o voltas a ver!
- Uma mulher cómica
- Uma mulher sofre

- Uma mulher tem fome
- Uma mulher luta
- Uma mulher de negócios
- Uma mulher vive como um carneiro sem voz
- Uma mulher segue as outras mulheres
- Uma mulher vai ao teatro
- Uma mulher artista, feminista, moderna à moda antiga!
- Uma mulher diz “dormir, nada mais!”
- Uma mulher puxa pelo externo para cantar melhor
- Uma mulher abre os olhos!
- Uma mulher no teatro aborrece-se!
- Uma mulher suspira no escuro
- Uma mulher aplaude com os joelhos... bravo!
- Uma mulher tem medo do escuro
- Uma mulher nunca voltará
- Uma mulher entra em cena
- Uma mulher entra em cena vai-se toda a gente embora
- Uma mulher encontra palavras no bolso

- Uma mulher à força de apertar mãos e dizer bom dia tem as mãos húmidas
- Uma mulher política... e social
- Uma mulher sem palavra
- Uma mulher com o seu discurso, fala
- Uma mulher sem discurso
- Uma mulher conta muitas histórias
- Uma mulher tem uma amiga que é intelectual
- Uma mulher procura um texto
- Uma mulher encontra um texto num caixote do lixo, é de Tony Blair
- Uma mulher política procura qualquer coisa para dizer
- Uma mulher tira um machado da vagina

- Uma mulher está sempre a trabalhar
- Uma mulher trabalha 40 horas por semana

Uma mulher trabalha 54 horas por semana  
Uma mulher trabalha 88 horas por semana  
Uma mulher vê morrer o filho de fome  
Uma mulher fechada

Uma mulher sincera na política, isso existe!  
Uma mulher em fraternidade  
Uma mulher procura uma palavra para fazer um discurso, toda a gente ri  
Uma mulher igualitária  
Uma mulher política tem as unhas vermelhas... para que reparem nela  
Uma mulher cheia de acção e de sonho  
Uma mulher em liberdade  
Uma mulher espanhola e republicana

Uma mulher poética, uma mulher agarra-se à cortina, cai  
Uma mulher põe os filhos no congelador!  
Uma mulher quer ganhar a discussão  
Uma mulher ganha todas as batalhas  
Uma mulher em guerra  
Uma mulher-catástrofe!  
Uma mulher tomba numa tumba  
Uma mulher tem rosas de cemitério nas mãos, ali ali

Uma mulher negra!

---

## La Ribot

---

La Ribot, natural de Madrid, viveu e trabalhou em Londres entre 1997 e 2004 e actualmente vive e trabalha em Genève. Sob o nome de diva La Ribot criou peças de dança que obtiveram numerosas distinções e que se situam no cruzamento da dança contemporânea, das artes vivas, da *performance* e do vídeo. Em anos recentes, com a sua célebre série de peças *distinguished series*, criou um vocabulário exigente, embora cheio de humor, que explora o campo da geometria.

O trabalho de La Ribot constitui um sistema que lhe permite pesquisar, desenvolver e questionar os limites temporais, espaciais e conceptuais da dança, assente na confluência das artes vivas com a *performance* e as artes gráficas.

Desde 2000, La Ribot tem-se interessado crescentemente pelo vídeo e pelas suas funções básicas, criando peças filmadas em directo do ponto de vista do corpo em movimento. Apresentando o seu trabalho em galerias, teatros, festivais de dança e de artes vivas ou de *performance*, de renome internacional, La Ribot serve-se da dança de uma forma pertinente e lógica como meio de questionar a disciplinaridade.

---

## Mathilde Monnier

---

Mathilde Monnier recebe em 1986 o prémio do Ministério da Cultura no concurso de Bagnolet. A sua colaboração com Jean-François Duroure tem grande impacto: *Pudique acide*, *Extasis*,

*Mort de rire*, são peças turbulentas que dão brado nos idos anos 80. Com *Je ne vois pas la femme cachée dans la forêt* (1988), *Chinoiserie* (1991) e *Pour Antigone* (1993), que abraça a dimensão trágica do universal, Mathilde Monnier assume a criação individualmente. Em 1994, é nomeada para dirigir o Centro Coreográfico Nacional de Montpellier Languedoc-Roussillon e, em 1995, cria *Nuit... L'Atelier en pièces* (1996) confronta os espectadores com um espaço clínico. *Arrêtez, arrêtons, arrête* (1997), sobre um texto violento de Christine Angot, aprofunda esta pesquisa.

No ano 2000, Mathilde Monnier impulsiona *Potlach, dérives*, em que dezenas de participantes, artistas, pensadores e espectadores, partilham aquilo que alimenta o movimento da arte a fazer-se. Reforma também profundamente o funcionamento do centro coreográfico que dirige, abrindo-o a numerosos artistas exteriores e dando um cunho artístico empenhado à formação dos jovens bailarinos. Cria fortes ligações com os artistas mais inovadores. *Signé, signés* (2001), evocando Merce Cunningham, intriga e deleita pela frescura do tom, tocando no tabu da libido na dança. *Rose* subverte insolentemente a excelência dos bailarinos do Ballet Real da Suécia. *Slide*, com o Ballet da Ópera de Lyon, permite aos bailarinos clássicos penetrarem no âmago da sua própria imagem.

Em 2002, com *Allitérations*, compõe uma estranha dança de conferência, ao lado do filósofo Jean-Luc Nancy e do compositor Erikm. *Déroutes* (2002) é uma peça imensa inspirada em Lenz de Brüchner. *Publique* (2004) surpreende de novo, ao reunir um elenco exclusiva-

mente feminino em torno das canções da cantora rock PJ Harvey. Para além da qualidade das intérpretes, a pesquisa do sal original das danças de cada uma delas questiona a contaminação do prazer da dança.

Em 2005 cria *La place du singe*, nova colaboração com a escritora Christine Angot, e *frère&sœur*, para a Cour d'honneur do Festival de Avignon. 2006 é marcado pela sua colaboração com o cantor Philippe Katerine na criação do concerto dançado *2008 vallée*. Em 2007, cria *Tempo 76*, sobre música de Ligeti, em torno da noção de uníssono.

Paralelamente, destacam-se quatro filmes: *Chinoiseries* e *Bruit blanc*, ambos realizados por Valérie Urréa, *E pour eux*, realizado por Karim Zeriahen, e *Vers Mathilde*, documentário realizado por Claire Denis. No domínio da edição, dois livros, *Dehors la danse*, com o filósofo Jean-Luc Nancy, e *MW*, com a fotógrafa Isabelle Waterneux e o escritor Dominique Fourcade. No Outono de 2007, Mathilde Monnier criou a instalação vídeo *Dans tes cheveux*, em colaboração com Karim Zeriahen, apresentada no Quai Branly, em Paris, no âmbito da exposição colectiva *Diaspora*, com conceito geral de Claire Denis.

## Próximo espectáculo

# Once and for all we're gonna tell you who we are so shut up and listen

De uma vez por todas vamos dizer-vos quem somos por isso calem-se e ouçam

Um espectáculo de Ontroerend Goed, Kopergietery e Richard Jordan Productions Ltd.

**Teatro** De Qui 16 a Sáb 18 Abril  
Palco do Grande Auditório · 21h30  
Dur. 1h00 · M12



© Phile Deprez

**Encenação** Alexander Devriendt **Com** Aaron De Keyzer, Barbara Lefebure, Charlotte De Bruyne, Christophe De Poorter, Dina Dooreman, Edith De Bruyne, Edouard Devriendt, Elies Van Renterghem, Febe De Geest, Helena Gheeraert, Ian Ghysels, Koba Ryckewaert e Nathalie Verbeke  
**Texto** Joeri Smet e Alexander Devriendt  
**Dramaturgia** Mieke Versyp **Cenografia e figurinos** Sophie De Somere **Desenho de som** Stijn De Gezelle **Desenho de luz** Jeroen Doise  
**Apoio** Governo Flamengo, província da Flandres Oriental e cidade de Gent  
**Estreia** 25 de Abril de 2008, Gent

Quando era mais novo, Alexander Devriendt participou em vários espectáculos de e para adolescentes, mas sempre se divertiu mais fora de cena. Aqui procurou o inverso.

Em *Once and for all...*, sensação do último Festival de Edimburgo, a energia

pura dos intérpretes, visível em palco, não é tratada como força destruidora, mas como prazer de ultrapassar e explorar os limites, sem que ninguém venha dizer como ou porquê.

[...] puro magnetismo animal, um choque suado de adrenalina que capta a energia inquieta de ser adolescente e o abandono absurdo e temerário de estar permanentemente à beira da prancha de mergulho mais alta. [...] É um extraordinário objecto teatral, astutamente coreografado para parecer completamente não-coreografado e loucamente manipulador. Mas da melhor maneira possível. É um espectáculo sem reservas.

Lyn Gardner, *The Guardian*,  
27 de Outubro de 2008

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

#### Conselho de Administração

##### Presidente

António Maldonado

Gonelha

##### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

##### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

##### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

##### Direcção de Produção

Margarida Mota

##### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

##### Exposições

##### Coordenação de Produção

Mário Valente

##### Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

##### Produção

Paula Tavares dos Santos

##### Montagem

Fernando Teixeira

##### Culturgest Porto

Susana Sameiro

#### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Joana Bernardo

estagiária

#### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

#### Actividades Comerciais

Catarina Carmona

#### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

#### Direcção Técnica

Eugénio Sena

#### Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

#### Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

#### Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

#### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

#### Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

#### Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

#### Frente de Casa

Rute Sousa

#### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

#### Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

#### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

#### Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Valter Manhoso

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

---

## Culturgest, uma casa do mundo

---